



• ARTIGOS LIVRES

- DOSSIÊ: EDUCAÇÃO POPULAR E SABERES TRADICIONAIS EM DIFERENTES TERRITORIALIDADES
- PAUTAS INSUBMISSAS: ENSAIOS, POEMAS E RESENHA

Revista Debates Insubmissos



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO IV – V.4, Nº 13 – Maio, Junho, Julho, Agosto de 2021 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 4, n.13 (abr. 2021). – Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2021.

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste

Manoel Guedes Alcoforado Neto

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Mário de Faria Carvalho

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalo Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Miriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mônica Franch (UFPB); Nélio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Andrezza Rodrigues Nogueira (UMinho, Portugal); Cinthia Genelice dos Santos (UFPE); Elba Ravane Amorim (UFPE); Elizabeth Maria da Silva (SE-PE); Êmerson Silva Santos (UFCG); Ericka Omena Erickson (Estados Unidos); Érika Patrícia Barbosa de Lima (UFPE); Fábila Roseana Souza Oliveira (UFPE); Fabian Cevallos Vivar (CES-UC, Portugal); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Jessica Priscila Garcia de Souza (UFPE); Maisa dos Santos Farias (OMSAL-UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Paloma Almeida (UFPE); Roberta Rayza Silva de Mendonça (UFPE); Rubem Viana de Carvalho (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal); Ubiratan Silva do Egito Lira (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ítalo Luis Maximiano da Silva e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de azulejos portugueses

EDITORIAL

EDITORIAL

No Brasil, o Ministro da Educação é contra a educação, aliás todos os ministros que passaram por esta pasta, nomeados por Bolsonaro, não gostavam da educação, sequer tinham políticas públicas educacionais, quanto mais políticas sérias e comprometidas com a elevação da qualidade da educação brasileira. O Pastor-ministro, nas últimas semanas declarou que a universidade brasileira não é para todos. Um posicionamento elitista e saudoso do tempo em que as universidades serviam somente aos interesses das classes dominantes brasileiras.

É um retrocesso ao atual estágio de democratização do perfil do corpo discente que as nossas universidades públicas alcançaram, decorrentes de políticas educacionais concretas de acesso e permanência das classes populares, por meio da ampliação dos números de vagas das universidades federais no Brasil, mediante a exitosa política de interiorização dessas universidades nos anos do Governo Lula da Silva e Dilma Rousseff. Baseada na ideia de que, onde foram instaladas universidades federais, ocorreu um grande impacto no desenvolvimento da região, então a interiorização das universidades federais iria ampliar o potencial de desenvolvimento nas regiões onde seriam instaladas, abrindo espaço a um público que jamais teriam acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade. E de fato isso ocorreu. Basta ver o caso do Campus Agreste da UFPE, localizado na cidade de Caruaru, onde nasceu esta revista insubmissa.

Nesse sentido, ainda é possível encontrar registros na página do MEC - talvez esquecida por esta gestão – que a expansão da Rede Federal de Educação Superior teve início em 2003 com a interiorização dos *campi* das universidades federais. Com isso, o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. E que “desde o início da expansão foram criadas 14 novas universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação”. (<http://reuni.mec.gov.br>). Números estes que demonstram o tamanho do avanço da democratização que as universidades públicas acederam.

Outro desastre ou atentado contra a ciência brasileira, é a (in)ação do Ministro da Ciência e Tecnologia (MCT), astronauta e ex-vendedor de travesseiros da NASA, que em seu ostracismo negligenciou as duas Plataformas de maior impacto da Ciência brasileira: A Plataforma Lattes – criada em 1999 - e a Plataforma Carlos Chagas – criada em 2007.

Juntas, estas duas plataformas são responsáveis pela gestão e acesso de todas as informações sobre a ciência brasileira, tais como currículos de pesquisadores, grupos de pesquisa, o fomento e a gestão dos recursos para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, e a sistematização de informações sobre o perfil, o desempenho, os investimentos e as áreas de atuação da ciência brasileira, entre outras formas de gerenciamento e sistematização e relatórios que estas duas bases produzem sobre a ciência do Brasil.

Além do apagão dos dados que sumiram – de 23/07 a 08/08/2021 – essas duas importantes plataformas voltaram a funcionar parcialmente duas semanas depois, entretanto a instabilidade no sistema persiste e nem sempre se consegue acessar estas bases de dados, onde estão ancoradas todas as informações da ciência brasileira. O que temos agora é a gestão da ciência e tecnologia do Brasil sob suspeita, ancorada em plataformas de dados – antes muito confiáveis – agora completamente inseguras e instáveis, o que reflete o próprio estágio da ciência no Brasil no governo Bolsonaro, que é o descaso e o negacionismo da ciência.

E para fechar este breve recorrido que aconteceu no breve espaço de quatro meses – entre a publicação do nº 12 desta revista em 10/05 e esta do nº 13 – temos o glorioso 7 de setembro, que não foi mais desastroso por conta da expressiva e importante mobilização do Grito dos Excluídos¹.

Neste 7 de setembro, no 199^a aniversário da Independência do Brasil – mas não de Portugal, já que durante o regime imperial manteve-se a linhagem da corte portuguesa no trono brasileiro - o governo federal, que tradicionalmente apresentava a parada militar, símbolo das comemorações da Independência do Brasil, e da solidez do estado brasileiro pós-independista, dessa vez optou por comemorar a data com ataques à democracia, ao Estado de Direito, as instituições de Estado, à Constituição e principalmente ao Poder Judiciário, um dos pilares da

¹ O Grito dos Excluídos acontece desde 1995, quando foi às ruas pela primeira vez, criado a partir da 2ª Semana Social Brasileira, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e que conta com o apoio e participação de vários movimentos sociais. O Grito dos Excluídos acontece em simultâneo em centenas de cidades brasileiras.

democracia e da independência do Brasil. O que se viu em todos os canais de televisão - aberta e fechada - e plataformas digitais, foi uma movimentação antidemocrática que aglomerou bolsonaristas insanos que pediam a volta da ditadura, o fechamento do STF, o voto impresso entre outras bizarrices. Um circo de horror apoiado pelo discurso ameaçador do Presidente da República, que se traduzia numa afronta ao estado brasileiro e suas instituições, incitando ódio, tensão e a imagem de bolsonaristas bestializados, que nem sabiam o significado de suas reivindicações fascistas. Lastimável. Vergonhoso. Indecente.

Então o que mais podemos esperar até 31 de dezembro de 2022, caso este governo chegue até lá? O que restará do Brasil a ser reconstruído, além de ódio, milícia, população armada, fome e milhões de mortes por descaso com a Pandemia da COVID 19. Este é o Brasil de Bolsonaro!

Resistência tem sido uma palavra-chave, que nos alimenta a cada dia. E nos ajuda a caminhar na esperança de dias melhores. É como dizia Paulo Freire, que para se ter utopia é preciso primeiro ter esperança. Penso que a Debates Insubmissos é uma dessas milhares de esperanças concretas que estão sobrevivendo no Brasil, com uma polifonia de vozes que se afirmam alimentando utopias e se alimentando das diversas lutas sociais.

É nessa caminhada apreensiva que apresentamos a publicação de mais uma edição da Revista Debates Insubmissos, organizada nas suas três seções, como uma expressão de resistência da comunidade científica e da universidade pública brasileira.

A **Seção Artigos Livres** está composta por cinco artigos com temas variados. No primeiro artigo, intitulado **A educação literária em Portugal: dos documentos às práticas docentes**, do Professor Doutor Pedro Dalte (Universidade do Minho/Portugal), reflete sobre o panorama atual da Educação Literária nos primeiros ciclos de ensino em Portugal, com o objetivo fulcral de compreender os fatores decisivos que condicionam ou contribuem para concretização da educação literária em sala de aula e, simultaneamente, perceber possíveis coordenadas que favorecem a leitura literária.

O segundo artigo de autoria da Professora Doutora Edite Maria Sudbrack e das Mestrandas Silvia Regina de Oliveira e Elke Luanne da Silva Xavier, todas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e da Missões

(URI) Campus de Frederico Westphalen/RS, denominado **Os mecanismos de controle nacionais e internacionais que influenciaram e influenciam a educação brasileira**, apresenta um recorrido histórico sobre as políticas educacionais influenciadas por mecanismos de controle nacionais e internacionais e reflete sobre a Nova Gestão Pública, Gerencialismo e o Novo Gerencialismo, além de dois eventos educacionais internacionais: a Agenda 2030 e o Fórum Mundial da Educação ocorrido em maio de 2015 na Coréia do Sul.

O terceiro artigo de autoria das Professoras Doutoras Sônia Maria Alves de Oliveira Reis (UNEB - Campus XII) e Dinalva de Jesus Santana Macêdo (PPGED/UESB) e da mestranda Samara Gomes Aguiar (PPGED/UESB), tem como título, **Gênero e currículo: tensões e contensões de um pseudo relacionamento** onde as autoras apresentam uma discussão sobre como ocorre o relacionamento educacional entre currículo e gênero e as relações de poder que entremeiam cada um desses campos. Diante dos dados da pesquisa as conclusões das autoras apontam que há uma relação conflituosa entre gênero e currículo, com várias nuances e imbricações, na qual as desigualdades de gênero são muitas vezes camufladas, por meio de um discurso que se afirma universalista e que regula as práticas curriculares nas escolas.

O quarto artigo de autoria da Doutoranda Solange Maria da Conceição dos Santos (UECE), do Professor Doutor Francisco Roberto Pinto (UECE) e da Doutoranda Ebe Pimentel Gomes Luz Nijdam (UFC), tem como título **Dominação carismática em Max Weber: Bolsonaro na ótica weberiana**, no qual analisa os conceitos desenvolvidos por Max Weber sobre política e dominação, dialogando com eleição de 2018 para presidência da República. As conclusões apontam que o comportamento de Bolsonaro como presidente não se enquadra no cargo que ele exerce, e que passou de mito a “governante incipiente”, insensível às causas sociais, à saúde e às mortes ocorridas no Brasil em consequência da COVID-19.

O quinto trabalho de autoria do Professor Doutor Esmael Alves de Oliveira (FCH/UFMG) e da Mestranda Daniella Chagas Mesquita (PPGAS/UFMS), tem como título **(Des)construção corporal trans e o saber biomédico: reflexões sobre (in)compreensões, equívocos e sentidos corporais**, que apresenta por meio do método cartográfico, uma análise das aproximações e distanciamentos que pessoas travestis e transsexuais fazem do saber biomédico ao produzirem estratégias para a construção de seus corpos. Para os autores, mais

do que analisar as tecnologias ofertadas pela hegemonia (bio)médica, interessam analisar os arranjos micropolíticos traçados pelas pessoas em suas biocartografias.

Na Seção Dossiê reunimos cinco trabalhos científicos com formas distintas sobre o tema **Educação Popular e Saberes Tradicionais em Diferentes Territorialidades**, organizado pelos professores Doutor Everaldo Fernandes da Silva (UFPE) e Doutor Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB). Nessa direção, temos o primeiro trabalho de João Anzanello Carrascoza (ESPM-SP) com o título **Operação Flipinha: encontro do sonhador e do cientista em terra firme**. O segundo trabalho é nomeado **Museus: Territórios de Brinquedos e Brincadeiras como Difusão Extensionista de Saberes, Memórias e Práticas**, do Professor Doutor Luís Távora Furtado Ribeiro (UFC), e dos Mestrandos/as em Educação Adriana Isabel Rodrigues Marcos e Edvar Ferreira Basílio (ambos também da UFC). O terceiro trabalho é designado **A ação docente e a identidade regional de estudantes da EJA**, das autoras a Doutoranda Ana Lúcia Madson Gomboeff (PUC-SP), a Professora Doutora Maria Emiliana Lima Penteadó (PUC-SP) e a Mestra Patrícia da Silva Santos (UFABC). O quarto trabalho é denominado **Um Novo Possível pela Via da Educação Popular na Formação Continuada de Professores da Educação de Jovens e Adultos**, elaborado pelo Professor Doutor Eduardo Jorge Lopes da Silva e pela Mestra Adriana Bastos Oliveira (ambos do PPGE-UFPB). E o quinto trabalho intitulado **Educação Popular, Saberes Tradicionais e Debates Insubmissos: um diálogo com Carlos Rodrigues Brandão**, é das autoras Professoras Doutoradas Valéria Oliveira de Vasconcelos (UNISAL/Americana) e Renata Evangelista Oliveira (UFSCar).

Finalmente, a Seção Pautas Insubmissas, que reúne um conjunto de cinco produções de caráter científico e poético, diversos e instigantes.

O professor Doutorando Achezar Tiodósio Matias (Universidade Católica de Moçambique – Nampula), apresenta os resultados de sua investigação **Impacto do conflito armado sobre o Sector da Educação no Norte e Centro de Cabo Delgado (2015-2020)** que está assolando a província de Cabo Delgado desde Outubro de 2017, supostamente derivante da insurgência de grupos armados de religião islâmica, contra o Estado moçambicano.

A Doutoranda Marcelle Schimitt (UFRGS) é autora da instigante reflexão denominada **Extirpando excessos e promulgando ausências: cirurgias íntimas, hierarquias raciais e normalização do corpo feminino**, que segundo a autora no contexto dos aprimoramentos

dessas cirurgias, o que escapa à simetria, à coloração clara e ao pouco volume materializa o “disforme” e indesejado. E ao extirpar os “excessos” (seja de pele, cor ou sexo), emerge uma genitália hiperfeminina, contida em suas dimensões e formas, pós-humana.

O trabalho da Doutoranda Natalia Negretti (UNICAMP) tem como título **Um encontro sobre espaço: discursos sobre população em situação de rua, plantas daninhas e não quisto**, no qual objetiva problematizar o vínculo entre duas populações-símbolo, plantas daninhas e pessoas em situação de rua, por meio de um vinco em comum: não quisto. O texto busca compreender o espaço e as disputas, contemplando um diálogo sobre cidade nas suas variadas dimensões no que refere a convívio, desigualdade e territórios morais.

Convergingo numa linha poética, o texto da Artista e Mestre Marília dos Santos (UFPB) denominado **Poema Feminista** é composto por 13 poemas, que foram escritos como uma maneira de gritar para a sociedade patriarcal que silencia, estupra, enlouquece, machuca e mata mulheres. Segundo a autora, de forma artística, ela deixa seu grito poético, que é individual e coletivo, singular e plural.

Por fim, a Resenha nomeada de **Racismo Estrutural: Contribuições de Silvio Almeida para a construção de uma sociedade antirracista**, elaborada pelo Mestrando Bruno Cesar Pereira (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati) sobre o livro *Racismo Estrutural* de autoria de Silvio Almeida (2020), onde o autor realiza uma série de reflexões que buscam evidenciar as relações entre a racismo e as noções de raça, ideologia, política, direito e economia.

Esta edição do nº 13, é forte e nos enche de esperança, de que a resistência às boçalidades bolsonaristas se faz com ideias, estudo, ciência e vozes insubmissas.

*Noite de 8 de setembro! A indignação paira na reação
das instituições guardiãs da democracia brasileira.
Aos que cospem ódio nós produzimos este número com Amor*

Allene Lage
Co-editora